



CONCEITOS EDUCACIONAIS FUNDAMENTAIS DO PARADIGMA

MARXISTA

Isaías Pascoal¹

RESUMO

A teoria pedagógica marxista inspirou a normatização do ensino médio e da educação profissional de nível médio brasileiro. São seus conceitos fundamentais: trabalho como princípio educativo, politecnia, relação entre teoria e prática e emancipação do trabalhador. Foram postos em prática nos países que viveram a revolução socialista e hoje inspiram a ação pedagógica de muitos professores. Possuem forte significação ideológica e grande força inspiradora do trabalho educacional.

INTRODUÇÃO

Embora a teoria marxista não seja propriamente uma teoria educacional, teve uma influência muito grande na organização da educação nos países que vivenciaram a revolução socialista e na inspiração de correntes pedagógicas e de educadores por todo o mundo.

Marx não foi um pedagogo e as suas referências à educação não são sistemáticas e nem longas. Mas aos marxistas militantes nos partidos social democratas ou comunistas apresentou-se a necessidade de construir um programa educacional, como parte de um programa geral de governo.

A chegada ao poder dos revolucionários, primeiro na Rússia em 1917, depois nos outros países que fizeram a revolução, exigiu a construção de um sistema educacional num contexto social extremamente crítico e turbulento.

A despeito da variedade dos países que se tornaram socialistas, é muito parecido o sistema educacional neles organizado, o que demonstra a força e a coerência dos conceitos e da perspectiva que orientaram a sua construção.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas – campus Pouso Alegre. Pouso Alegre – MG. E-mail: isaias.pascoal@ifsulde Minas.edu.br

Mesmo fora dos países socialistas o paradigma marxista inspirou e inspira o trabalho de intelectuais da educação, pedagogos e professores. As novas leis que normatizaram a educação brasileira de nível médio e a educação profissional de nível médio refletem claramente a perspectiva teórica marxista para a educação.

Quais são os conceitos básicos do ideário marxista em educação, como eles foram trabalhados por Marx, que influências tiveram? Essas são as questões que este artigo pretende elucidar.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi produzido a partir da leitura de artigos e livros sobre educação na perspectiva do marxismo. São artigos acadêmicos, programáticos (no sentido de fazer parte do programa político de partidos socialistas) e propagandísticos.

Houve cuidado de seleção. Foram recolhidas as referências de Marx sobre educação, o programa de educação do maior partido socialista marxista da Europa (o SPD alemão), os textos organizadores e incentivadores dos principais líderes políticos e educacionais da URSS, artigos de alguns pesquisadores brasileiros que se debruçaram sobre a análise da educação na perspectiva marxista e alguns artigos estrangeiros que se dedicaram à análise do que foi construído na educação na URSS.

O método de trabalho é a análise compreensiva e hermenêutica, baseada nas perspectivas do sociólogo alemão Max Weber (1989,1991), e do filósofo Hans-George Gadamer (1998). A proposta de ambos permite um tipo de interpretação capaz de captar o sentido profundo dos acontecimentos e do texto. A compreensão envolve interpretação: apreensão do sentido das ações, que estão prenhes de valorações. Uma ação não se esgota nela, pois ela significa, tem um sentido, que precisa ser apreendido se quiser ser compreendido. É buscar o sentido profundo, que está além do sentido imediato, e que nem sempre se mostra às claras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As referências de Marx à educação nunca foram feitas por ela mesma, mas sempre no contexto de algum pensamento sobre as condições da classe trabalhadora explorada no interior do capitalismo, ou sobre a sociedade futura já revolucionada. É preciso entender que ele era um teórico, um intelectual, mas um teórico engajado. A sua causa principal era a revolução. Para Marx, o pensamento, separado das condições materiais de vida, é fruto da sociedade de classes que

separa os que pensam dos que executam, condição abominável que precisa ser extirpada na nova sociedade socialista a ser criada. As “Teses sobre Feuerbach” (sobretudo a XI tese) e a parte inicial de “A ideologia alemã” não deixam qualquer dúvida sobre o caráter alienante do pensamento abstrato, coisa na qual os alemães eram especialistas e que foi severamente criticado por ele e Engels em vários livros (MARX, ENGELS, 1986a).

No “Manifesto do Partido Comunista” (MARX, ENGELS, 1986b), a referência à educação ocupa uma parte mínima, nº II – Proletários e Comunistas, item 10, quando são relacionadas as medidas a serem tomadas nos países mais adiantados que passaram pela revolução socialista: “educação pública e gratuita para todas as crianças, abolição do trabalho nas fábricas, como existe hoje. Adequação do sistema educativo ao processo de produção material, etc.”

Em “Instruções para os delegados do Conselho Geral Provisório” (MARX, 1866), no item 4, ao falar do trabalho juvenil e infantil de ambos os sexos, há também uma clara referência à educação. O contexto é o entendimento de que a grande indústria impunha o trabalho a crianças e adolescentes, que nas condições da época, eram degradantes. Daí a necessidade de lutar para impor limites ao trabalho na faixa etária de 9 a 17 anos. Não proibi-lo. Pois Marx sempre entendeu que o trabalho era um importante instrumento de formação para a classe trabalhadora, mesmo no interior do capitalismo. A proposta dele era dividir a faixa etária de 9 a 17 anos em 3 momentos: 9 aos 12, 13 aos 15, 16 aos 17 anos. O tempo de trabalho seria limitado por lei a 2, 4 e 6 horas respectivamente, sendo proibido o emprego de criança e adolescente sem educação simultânea.

A seguir, Marx enuncia o que entendia por educação: preparo intelectual, ginástica e educação tecnológica (que deveria transmitir os princípios gerais de todos os processos de produção). A combinação desses 3 elementos elevaria a formação dos filhos de trabalhadores bem acima das demais classes superiores.

A referência mais clara e densa de Marx à educação é feita no tomo 2 do livro 1 de “O Capital”, no capítulo fundamental da sua obra em que discorre sobre a produção da mais-valia relativa pela utilização da maquinaria e da grande indústria. A questão da educação aí ganha sentido vital e fica claro o seu significado no esquema marxista de interpretação da sociedade e na visualização da sociedade futura.

A grande indústria revolucionou a produção. E fará isso constantemente. Para ela, nenhuma forma de produção é definitiva, por causa da sua base tecnológica. Não há função que seja estável. Ela despojou o trabalhador de todo saber acumulado nas épocas anteriores. Ele foi reduzido a operações repetitivas que nada exigiam de aporte intelectual. Daí a necessidade de um tipo diferente de educação para os trabalhadores, capaz de unir ensino e trabalho, teoria e prática, e com uma base tecnológica capaz de ensinar os princípios gerais dos processos de produção. Marx via isso acontecendo já em sua época com Roberto Owen, na sua experiência em New Lanark, na Escócia. Citou as escolas politécnicas, agrônômicas e as *écoles d'enseignement professionnel* como modelos de educação para os filhos de trabalhadores. Baseado em relatórios de inspetores fabris ingleses, enfatizou que a união de trabalho e ensino é útil para o trabalhador. Precisava só de regulamentação para evitar que a criança e o adolescente se esgotem em jornadas de trabalho estafantes. Mas ficar sem o trabalho não é bom. Ele era um trunfo nas mãos dos trabalhadores. Os inspetores perceberam que o rendimento das crianças que trabalhavam e estudavam era maior que o das demais classes, jogadas numa jornada de estudo estéril e cansativa. A indústria também ensinava. Em notas de rodapé, ele mostrou o atraso de pais fora das áreas industriais que não faziam caso de ver seus filhos estudando (MARX, 1984, pp. 86-90).

Um pouco mais tarde, em 1875, Marx submeteu o projeto de programa do Partido Social Democrata Alemão, o SPD, a uma crítica mordaz, por considera-lo indigno de um partido socialista. Na parte referente à educação, rejeitou todos os itens do programa proposto: “educação popular geral e igual a cargo do Estado. Assistência escolar obrigatória para todos. Instrução gratuita.” Uma educação igual para todos seria impensável na sociedade atual. Assistência escolar já havia em vários países, inclusive na Alemanha, e instrução gratuita já era uma realidade na Suíça e nos EUA. Mais importante que tudo: educação garantida pelo Estado era uma coisa, outra bem diferente e, inaceitável, era deixá-la sob os seus cuidados gerenciais. Para ele, a escola devia ser subtraída à influência do Estado e da Igreja. E mais: critica a ausência da proposta de uma escola técnica (teórica e prática) no programa proposto (MARX, s/d).

Esses conceitos e orientações se tornaram fontes de inspiração para inúmeros partidos socialistas de massa que proliferaram na Europa a partir da década de 1890, no período da 2ª Internacional, apoiado por parte significativa do

eleitorado e com novos desafios pela frente, entre eles, a luta parlamentar (ANDREUCCI, 1985; MAZZOTTI, 2001).

Em 1917, a Rússia foi o primeiro país do mundo a enfrentar o desafio de colocar em prática as ideias e o programa de uma educação nova, balizada nos conceitos oriundos de Marx, num país de tradição autoritária, atrasado, devastado pela 1ª guerra mundial e pela guerra civil. Os desafios foram imensos, mas, aos poucos, começou a ser construído um sistema educacional voltado para as massas, não “escolástico”, ligado à vida, ao trabalho e altamente consciente da necessidade de construir ideias e sentimentos comunistas (o homem novo), capazes de apagar da memória as tradições e as forças da antiga sociedade (BUKARIN, PREOBRAZHENSKY, 2001)

Com a consolidação do socialismo sob Stalin, nos anos 30, e superando os desafios do pioneirismo dos primeiros anos da revolução, o sistema educacional também se consolidou. Acima das idas e vindas do sistema educacional, algumas ideias-chave podem ser percebidas: não serve ao novo país uma educação acadêmica. Ela deve estar atada à vida, ao redor, estreitamente vinculada ao trabalho, perpassada pelo ideal da politecnia. É uma educação atrelada aos objetivos do Estado: a necessidade de construir o socialismo e enfrentar os desafios daí derivados. Por isso, foi intensamente ideológica e, com o tempo, tornou-se muito especializada em matemática, ciências naturais, língua russa, história do socialismo e em alguma especialidade técnica (ROSS, 1960; SKATKIN, 1963), mas, para todos os efeitos, bastante eficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos educacionais de origem marxista adquiriram hegemonia no discurso pedagógico brasileiro, notadamente na educação técnica. Além de estarem presentes no dia a dia das discussões pedagógicas, de serem enunciados de forma natural, estão consagrados na legislação brasileira que normatiza o ensino médio e, sobretudo, a educação profissional de nível técnico. São eles: trabalho como princípio educativo, união de educação e trabalho, teoria e prática, politecnia, entre outros. Eles indicam desconfiança em relação ao mercado, criticidade com o sistema capitalista e um quase mantra de desprezo por uma educação técnica reduzida ao ensino de operações padronizadas.

Esses conceitos têm a sua matriz em Marx e Engels, que se inspiraram em algumas ações já em curso em sua época, como nas experiências de Robert Owen

em New Lanarck, e na percepção de Marx do potencial progressista de conjugar trabalho e estudo (que os inspetores fabris ingleses já indicavam), e nas suas análises da ação da grande indústria sobre os trabalhadores. Só um tipo de educação que ensinasse os princípios científicos dos processos produtivos poderia preencher os vazios deixados pelo novo tipo de produção capitalista sobre os trabalhadores. Essas ideias se tornaram a matriz que inspirou uma proposta pedagógica que ainda hoje exibe força.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREUCCI, Franco. A difusão e a vulgarização do marxismo. In: HOBBSBAWM, Eric J. **História do marxismo – o marxismo na época da segunda internacional**. 2ª ed., Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1982.

BUKHARIN, N. I.; PREOBRAZHENSKY, E. The ABC of communism- communism and education. Bukharin Archive. Online Version: **Marxists Internet Archive** (marxists.org), 2001. Disponível em www.marxists.org/archive/bukharin, visitado em 03/08/2015.

GADAMER, Hans-George. **O problema da consciência histórica**. Pierre Frouchon (org.), 1ª ed., Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MAZZOTTI, Tarso B. Educação da classe trabalhadora: Marx contra os pedagogos marxistas. **Interface – comunicação, saúde, educação**, v. 5, nº 9, 2001, pp. 51-63.

MARX, Karl. Instruções aos delegados do conselho geral provisório. In: **Obras escolhidas em três tomos**. Moscovo: Editorial “Avante!”, Edições Progresso Lisboa, 1982.

_____. **Capital**. V. 1, tomo 2, (Os economistas), São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. 5ª ed., São Paulo: editora Hucitec, 1986.

_____. **Manifesto do partido comunista**. 6ª ed., São Paulo: Global editora, 1986.

_____. **Obras escolhidas**. V. 2, São Paulo: editora Alfa-Ômega, s/d.

ROSS, Leslie W. Some aspects of soviet education. **The journal of teacher education**, v. XI, nº 4, december 1960, pp. 539-552.

SKATKIN, M. N. Marxist-leninist ideas on polytechnical education. In: SHAPOVALENKO, S. G. (editor). **Politechnical education in the U.S.S.R.** Unesco.

Amsterdam: Drukkerij Holland N. V, 1963. Disponível em www.unesdoc.unesco.org, acesso em 03/08/2015.

_____. Soviet experience in polytechnical education (1917-58). In: SHAPOVALENKO, S. G. (editor). **Politechnical education in the U.S.S.R.** Unesco. Amsterdam: Drukkerij Holland N. V, 1963. Disponível em www.unesdoc.unesco.org, acesso em 03/08/2015.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (org.). **WEBER**. 5ª ed., São Paulo: editora Ática, 1991.